**XXIII ENACED**

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

**III SIEPEC**

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

**V ENTECI**

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA  
E DECOLONIALIDADE:  
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE  
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**20 a 22/05/2024  
Unijuí, campus Ijuí**Eixo Temático:** Educação e Formação de professores

## VIVÊNCIAS “FORA” DA CAIXA

Rodrigo Severo<sup>1</sup>  
Edemar Rotta<sup>2</sup>

### RESUMO

Em meio às contribuições de Freire, uma nos motiva: “Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante”; e, é nesse contexto que se insere a temática apresentada, procurando explorar aspectos que relacionam a “educação” e o “sentir”. A delimitação, na perspectiva de “viver” a educação, toma como referência relações que envolvem: emoção e conhecimento; metáfora da Rede; metodologias ativas; e aulas peripatéticas. O tema relaciona aspectos que envolvem viver a prática da educação na perspectiva de impregnar de sentido as vivências experienciadas. Nesse contexto, pergunta-se pelos fundamentos que ratificam essa perspectiva trazida por Freire. Com objetivo exploratório, busca-se determinar o estágio cognitivo de conhecimento enunciando-o. Se trata de abordagem qualitativa, com fins exploratórios e fundada na revisão bibliográfica. A investigação revelou que estas vivências devem se debruçar no “sentir”, dentro do contexto de viver, conviver e relacionar-se, conectando-os entre as duas realidades “intra” e “extra” sala de aula.

**Palavras-chave:** Aulas peripatéticas. Educação. Rede de significados. Sentido. Vivências.

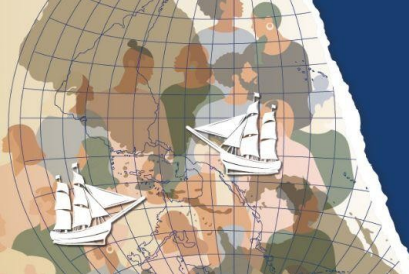
### ABSTRACT

Among Freire's contributions, one motivates us: “Educating is imbuing with meaning what we do at every moment”; and, it is in this context that the presented theme is inserted, seeking to explore aspects that relate “education” and “feeling”. The delimitation, from the perspective of “living” education, takes as a reference relationships that involve: emotion and knowledge; Network metaphor; active methodologies; and peripatetic classes. The theme relates aspects that involve living the practice of education with a view to imbuing the experiences experienced with meaning. In this context, we ask about the foundations that confirm this perspective brought by Freire. With an exploratory objective, we seek to determine the cognitive stage of knowledge by stating it. This is a qualitative approach, with exploratory purposes and based on bibliographical review. The investigation revealed that these experiences must focus on “feeling”, within the context of living, coexisting and relating, connecting them between the two realities “inside” and “outside” the classroom.

**Keywords:** Peripatetic classes. Education. Network of meanings. Sense. Experiences.

1 Doutorando e Mestre em Desenvolvimento e Políticas Públicas pela UFFS. Especialista em Direito Constitucional e Direito Tributário Empresarial. Graduado em Direito, Ciências Contábeis e Licenciatura. Procurador do Município e docente do Curso de Direito da SETREM. E-mail: [severo.rodri1@gmail.com](mailto:severo.rodri1@gmail.com)

2 Doutor com Estágio Pós-Doutoral em Serviço Social pela PUCRS. Mestre em Sociologia pela UFRGS. Professor do Quadro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas, Campus Cerro Largo, UFFS, ocupando a coordenação do mesmo. Pesquisador nas áreas de desenvolvimento, políticas públicas, fundo público e políticas sociais. Integrante dos Grupos de Pesquisa CNPq: Teorias e Processos de Desenvolvimento; Estado, Sociedade e Políticas Públicas. E-mail: [erotta@uffs.edu.br](mailto:erotta@uffs.edu.br)



**XXIII ENACED**

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

**III SIEPEC**

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

**V ENTECI**

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA  
E DECOLONIALIDADE:  
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE  
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024  
Unijuí, campus Ijuí



## INTRODUÇÃO

Segundo Paulo Freire (2019, p. 127) “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”; e, é assim, em meio às suas contribuições que uma em especial direciona as reflexões que se apresentam neste ensaio: “Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante” (FREIRE, 2016, p. 20). Nesse contexto que se insere a temática apresentada, procurando explorar os aspectos que relacionam a “educação” e o “sentir”.

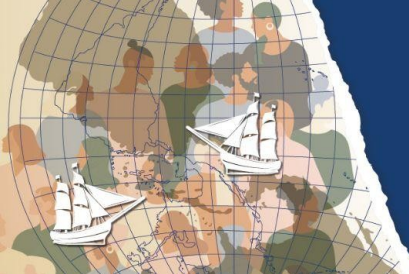
A delimitação do estudo, na perspectiva do “viver” a educação, toma como referência as relações que envolvem: i) a emoção e o conhecimento; ii) a metáfora da “Rede” de Nilson José Machado (2005) em sua obra Epistemologia e didática; iii); as metodologias ativas; e, iv) as aulas peripatéticas de Aristóteles. O tema, portanto, relaciona os aspectos que envolvem o “viver” a educação, na perspectiva de impregnar de sentido as vivências experienciadas.

Nesse contexto, emerge a questão: Quais fundamentos ratificam essa perspectiva trazida por Paulo Freire? Com o fim de conhecer os aspectos que relacionam a “educação” e o “sentir” impregnando-as de sentido, e não apenas a partir da realidade “intra” sala de aula, mas conectando essas vivências com o “extra” sala de aula, foram apresentadas práticas docentes e realizadas buscas na literatura com o propósito de fundamentá-las.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com um objetivo exploratório busca-se determinar o estágio cognitivo de conhecimento enunciando-o. A metodologia de abordagem qualitativa, tem fins exploratórios, sendo realizada com base em revisão bibliográfica. E a investigação inaugural já revela que estas vivências devem se debruçar no “sentir”, dentro do contexto de viver, conviver e relacionar-se, conectando-os entre as duas realidades “intra” e “extra” sala de aula, descerrando o “cubo” como forma geométrica que a representa.

Cercado por este estímulo de dar significado à prática docente, revelam-se a emoção, a afinidade, o entusiasmo, as práticas ativas e empíricas e a rede de significados. Perspectiva essa, contrária às visões e reproduções fragmentadas de conhecimentos que foram práticas durante o século XIX e parte do século XX, fundamentadas em paradigmas tradicionais da educação. Dessa forma, o texto se propõe a compreender esses fundamentos a partir de quatro



**XXIII ENACED**

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

**III SIEPEC**

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

**V ENTECI**

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA  
E DECOLONIALIDADE:  
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE  
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024  
Unijuí, campus Ijuí



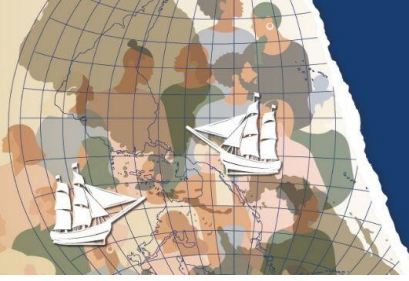
referências que acreditamos contribuir para a perspectiva trazida por Paulo Freire de que “Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante”.

Imbuídos por esse estímulo de dar significado às práticas docentes, ao debruçarmo-nos para achar um sinônimo ou metáfora que fosse provocativo e curioso nos “pegamos” olhando para fora da sala de aula – aquele “cubo” – e lá, supomos, buscava-se a inspiração, nas belas paisagens verdes e cheias de cores que rodeiam nossas instituições de ensino. E, foi nesse momento que percebemos que a inspiração era “buscada” fora da sala de aula, em nosso cotidiano, repleto de vida e entusiasmo, pois é lá onde buscamos sentido para nossas vivências e emerge o curioso título que se apresenta – provocativo, e reflexivo de nossas práticas docentes.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Essas vivências têm como sentido o viver, o conviver, o relacionar-se, o vivenciar, o sentir e o experienciar as práticas em sala de aula, buscando “fora” da sala a conexão entre estas duas realidades, a “intra” e “extra” sala de aula, com apenas a sua forma geométrica de cubo ou caixa.

Essa contextualização tem um importante significado com o leitor, estabelecendo uma ponte, um caminho de confiança que nos conecte – você e nós – pelos “nós” de significados, feixes de relações que serão tecidos ao longo deste texto, onde o sentimento tem muito significado na prática docente desses autores, e revelam-se na emoção, afeto, amor, envolvimento, afinidade, entusiasmo, práticas ativas e empíricas; e, que se apropriam da rede de significados do professor Nilson José Machado como referência nessa perspectiva, vez que contrária à reprodução fragmentada de conhecimentos, que foram práticas durante o século XIX e parte do século XX, e eram fundamentadas em paradigmas tradicionais educacionais, e que não são referências, pois as aqui enunciadas, passam por outros quatro fundamentos, são eles: i) a emoção e o conhecimento; ii) a metáfora da “Rede” de Nilson J. Machado (2005) em sua obra *Epistemologia e didática*; iii); as metodologias ativas; e, iv) as aulas peripatéticas de Aristóteles; que são objeto de abordagem na sequência.



# XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

## V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

### CIÊNCIA, DEMOCRACIA E DECOLONIALIDADE: CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

20 a 22/05/2024  
Unijuí, campus Ijuí



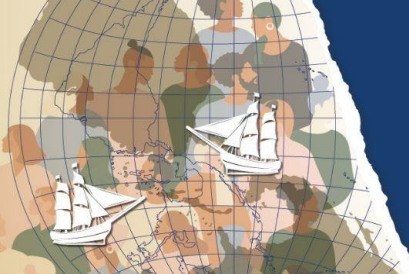
A relação entre a emoção e o conhecimento, se aproxima do sentimento, pois é o que se busca nas relações sociais – trabalho, familiares, consumo, culturais, educacionais. O ser humano social e afetivo, possui a necessidade de estabelecer relacionamentos, bem como o de se sentir bem nesses relacionamentos e nos locais onde está inserido.

É nesse contexto, e perspectiva, entre a emoção e o conhecimento que algumas questões emergem como estimulantes para nossas reflexões, como as seguintes: Qual viagem e lembrança guardamos? Ficam em nossa memória os momentos felizes, a música que acompanhou o momento, ou ainda, aqueles momentos que nos desafiaram a superar dificuldades. Quais amigos visitamos, e por quê? Onde estávamos no momento da passagem do ídolo de muitos brasileiros Ayrton Senna, que não só torciam pela Fórmula 1, mas vibravam e sentiam um momento diferente sendo erigido socialmente no Brasil. E aquele professor que nos domingos matutinos de pré-vestibular, com sua régua batia exaustivamente no quadro-negro despertando a atenção dos alunos que já estafados estavam de tanto estudar.

Momentos que são guardados por qual motivo? Muito provavelmente em razão das vivências que foram sedimentadas nos sentimentos experienciados e que ficaram guardados em nossas memórias e corações. É nessa interação social, entre alunos e professores, que se estabelecem “nós” de significados, apreendendo uns com os outros, e, é nesse ambiente escolar afetivo onde o aprendizado pode ser potencializado, pois quando nos sentimos acolhidos, e confortáveis com os que se encontram ao nosso redor que o aprendizado se potencializa. Sendo que, por vezes, se torna necessário provocar essas emoções, com práticas docentes que potencializem essa interação social, como estímulo a impregnar de sentido este instante.

Para transmitir o conhecimento, um professor precisa, além de dominar os conteúdos de sua disciplina, saber perceber e acolher os diversos sujeitos, os múltiplos sentimentos e interações e os diferentes interesses que estão presentes no espaço da sala de aula, identificando-os, trabalhando-os e aproximando os laços que potencializam o aprendizado (Casassus, 2008).

Logo, quer a emoção, quer a cognição, devem essas serem enquadradas nesse contexto social, pois quanto mais envolvidas elas forem, mais mobilizadas são as funções cognitivas da atenção, percepção e da memória. A emoção envolve processos de atenção, sensação, apreensão, excitação, propensão, inclinação, predileção, sensibilidade, intuição, preferência, impressão, receio, suspeição, susceptibilidade, pressentimento, ideação, premunição, consciencialização, entre outros aspectos que precisam ser observados pelo educador.



# XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

## V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

### CIÊNCIA, DEMOCRACIA E DECOLONIALIDADE: CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

20 a 22/05/2024  
Unijuí, campus Ijuí

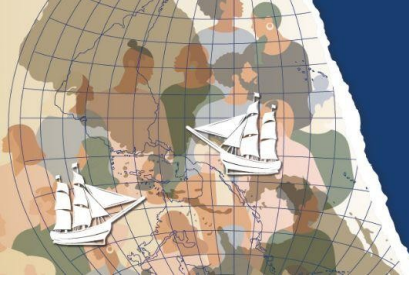


E, para que a aprendizagem ocorra de maneira eficaz e duradoura, é necessário que ela desperte no aprendiz alguma dessas emoções e tenha significado, pois quanto maior for o interesse e a motivação por determinado assunto ou tema, maior será a absorção e a facilidade na aquisição deste conhecimento. As emoções afetam todas as aprendizagens, quanto mais envolvidas forem com elas, mais mobilizadas são as funções cognitivas da atenção, da percepção e da memória, e mais bem geridas e fortes serão as funções executivas de planificação, priorização, monitorização e verificação das respostas.

O pesquisador Daniel Quin (2016) mostrou que quando professores e alunos conseguem estabelecer relações positivas e de afeto, o desempenho acadêmico era melhor, e as taxas de evasão, suspensões e faltas caíam. Por isso, mais importante que convencê-los, é necessário apoiá-los no objetivo de construir esses laços de confiança. Veja-se que na aprendizagem significativa o aprendizado acontece quando uma informação nova é adquirida mediante um esforço deliberado por parte do aluno em conectar a informação nova, por meio de “nós” em rede, com conceitos ou proposições relevantes preexistentes em sua estrutura cognitiva.

O pesquisador chileno Juan Casassus (1999) que esteve à frente de um estudo na Unesco, afirma que, ter um ambiente emocional adequado, gerado pelo bom relacionamento entre professor e aluno, revela o papel das emoções como uma característica fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem e da vida das pessoas. O modo como o educador interage com os alunos faz toda a diferença, pois se acredita que a ponta do iceberg no processo do aprendizado pode ser perceber a importância da qualidade das relações interpessoais, da afetividade, do contexto ecológico e da mediação do professor, como fatores que interferem na motivação dos alunos para a aprendizagem.

Assim, no ambiente escolar, aprendemos quando nos sentimos bem no local e com os que se encontram ao nosso redor, sejam professores, amigos, gestores e equipe escolar. E o que possibilita que esses “nós” de significados não se desfaçam ao longo do tempo é trazer o “sentimento” para a prática docente, compartilhando o “extra” mundo com o “intra” – a sala de aula. É nesse sentido que se faz necessário o “desmontar” dessa “caixa”, baixando as barreiras – ou abas – que lhes isolam, abrindo-a e conectando com o “extra” mundo. E não o oposto, trazendo todos para dentro da caixa. Por isso “vivências” fora da caixa, pois não faria sentido usar apenas um holofote, iluminando alguns focos de interesse em suas paredes, sem saber ou ter ideia do que se tem “extra” sala de aula. Seria como estar num quarto, escritório,



# XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

## V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

CIÊNCIA, DEMOCRACIA  
E DECOLONIALIDADE:  
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE  
NA EDUCAÇÃO BÁSICA

20 a 22/05/2024  
Unijuí, campus Ijuí

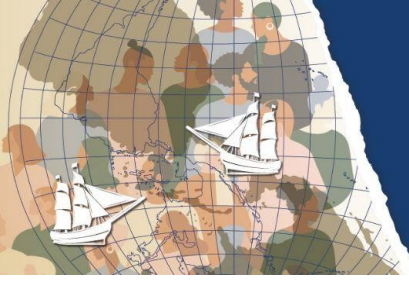


sala, desconhecendo que estamos numa casa, cabana, apto, edifício, e nos fosse pedido para descrever onde estávamos. É necessário não só conhecer o “intra”, mas também o “extra”, fazendo-se necessário conectar os dois “mundos” e impregná-los de sentido.

Das aulas na pós-graduação em educação da USP e do livro “Epistemologia e didática”, que a metáfora da “Rede”, de Machado (2005), proporciona que se trabalhe a ideia de conhecimento a partir da imagem metafórica de uma rede – um tecido no qual todos os elementos se encontram, conectados por “nós” de significados. Em sua obra (2005, p. 31), o autor procura “explorar o terreno epistemológico onde deverá ser plantada a semente da concepção do conhecimento como uma rede de significados em um espaço de representações [...]”, pois “a construção do significado é sempre uma ação de significar, de transformar em signo, de representar por um signo, através de um processo de abstração” (2005, p. 37). Assim, o autor busca “[...] o desenvolvimento da ideia de conhecimento como rede, uma imagem metafórica de importância crescente nos terrenos da epistemologia e da didática.” (2005, p. 121).

Neste mesmo sentido, corroborando com as reflexões de Machado, o físico, Capra (1992, p. 133), refere que “[...] a metáfora do conhecimento como uma rede [é] mais do que como uma construção, [mas] um tecido onde todos os elementos encontram-se conectados.” O filósofo Adorno (1992, p. 69) reitera a metáfora em destaque ao referir que o conhecimento se dá em rede “[...] onde se entrelaçam [...] intuições, autocorreções, antecipações e exageros, em poucas palavras, na experiência, que é densa, fundada, mas de modo algum transparente em todos os seus pontos.” É, a partir dessas referências, que somos desafiados a perceber que é no primeiro dia de aula que se estabelecem os primeiros “nós” de significados, ou seja, a conexão pessoal que o professor e os alunos procuram afinar. É quando se apresentam, conhecendo um ao outro, e ainda, compartilhando experiências, dificuldades e momentos, que se aproximam e identificam afinidades entre suas histórias de vida, e os “nós” de significados se formam. Essa conexão de “significados” em rede determinará o que encantará e conectará o aluno ao professor, ao longo do semestre, na disciplina que se vai desenvolver.

E, ainda, conforme Machado (2005), são múltiplas as possibilidades de articulações entre os “nós” de significados, com percursos alternativos e não lineares, pois “[...] a metáfora da rede contrapõe-se diretamente à ideia de cadeia, de encadeamento lógico, de ordenação necessária, de linearidade na construção do conhecimento.” A pressuposição “de não-existência de um



**XXIII ENACED**

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

**III SIEPEC**

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

**V ENTECI**

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA  
E DECOLONIALIDADE:  
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE  
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024  
Unijuí, campus Ijuí



percurso necessário do ponto de vista lógico para se percorrer a rede, de nó em nó; nenhum nó é privilegiado nem univocamente subordinado a um outro [...] (Machado, 2005, p. 140).

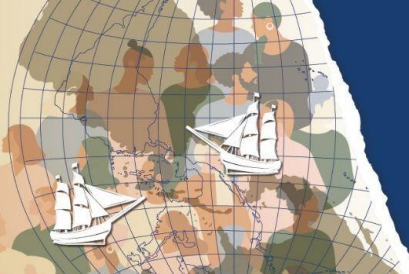
Portanto, a metáfora da rede está relacionada ao tecer significados por meio dos “nós”, que são os pontos de encontro nessa rede, pois o conhecimento e as relações não têm um centro, mas centros, por isso a metáfora da rede é acêntrica, diferente da metáfora de uma teia que possui um centro, pois a rede possui múltiplas possibilidades de articulações entre os “nós”.

Tecer é estabelecer as ligações “intra” e “extra” mundo, construindo significados, ligando os fatos do “extra” mundo com o conteúdo “intra” sala de aula. Uma chave sutil que estabelece o significado com as coisas, como no exemplo de numa escola rural não faria sentido falar de um condomínio edilício, pois algo comum aos grandes centros urbanos.

A ligação, a ponte ou os caminhos entre os temas, objetos, relações e propriedades é que proporciona a conexão e essa dualidade entre os “nós”, formando uma rede acêntrica e não linear ou hierarquizada, destituída de um encadeamento racional. Veja-se que a concepção de rede se contrapõe à concepção de cadeia, encadeamento linear (decomposição, seriado, pré-requisitos), defendida por René Descartes, um defensor do cartesianismo e da linearidade.

Porém, é necessário um “mapa” para navegar pelas ligações chegando aos “nós”. Pois, pode-se navegar por tantos pontos quantos desejados, com multiplicidade de recursos, caminhos e pontes. Em analogia, quando do acesso à *internet*, se no começo, já passo a navegar sem ter um “mapa” (objetivo), ou seja, uma orientação de qual caminho devo seguir, vou pesquisar tudo, menos aquilo que realmente queria pesquisar, passando por diversos caminhos, mas sem conseguir conectar os “nós”, ou seja, os significados. E os caminhos desconexos, soltos, isolados, são informações e pontas que perdem a conexão, ou seja, os “nós” de significados.

Quando trazemos a perspectiva do “mapa” trata-se de um convite para se navegar com planejamento e orientação. Mas o mapa não pode ter falta de informações, e nem mesmo excesso de informações (complexo). Pois, se uma tripulação (alunos) reclama do mapa porque está complexo, o capitão (professor) transpõe o mesmo para uma linguagem acessível, e segue transpondo, até que o mapa fique acessível e se tornem possíveis estabelecer os “nós”. Nessa metáfora, o capitão seria também o Cartógrafo – planejando – e orientando a navegação em direção aos significados para a consolidação dos “nós”. Assim, torna-se importante apresentar o plano sempre no início do semestre, ou seja, o mapa e as referências de onde queremos atracar com a embarcação.



**XXIII ENACED**

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

**III SIEPEC**

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

**V ENTECI**

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA  
E DECOLONIALIDADE:  
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE  
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024  
Unijuí, campus Ijuí



Existe um conto de Jorge Luís Borges (1982), na obra “Sobre o rigor da ciência”, onde se relata que quando um mapa tem tudo, não tem nada, pois não tem por que se ter um mapa na escala real, pois ele perde o seu propósito. Nesse conto, o cartógrafo fez o mapa com exatidão milimétrica, contudo a exatidão era tamanha que o mapa de nada servia pois era do tamanho do império, e sequer os navegadores conseguiam levá-lo junto nas embarcações.

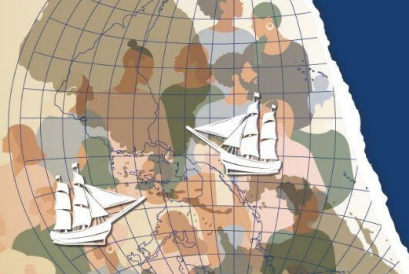
As metodologias ativas proporcionam ao discente assimilar, compreender e ressignificar os conteúdos, tendo este como o centro do processo de aprendizagem. O ambiente de sala de aula deve ser colaborativo, evitando o “assistir” a aula como um filme em frente a um aparelho de televisão. Esse relaxar passivo já é comprovado que não proporciona níveis adequados de conhecimento aos alunos. O compartilhamento da responsabilidade do processo de como se desenvolve o aprendizado deve ser compartilhado com os alunos, bem como, as metodologias utilizadas que proporcionam que estes “nós” de significados na “rede” não se desfaçam e o aluno compreenda qual é a proposta e o objetivo (“referências” em analogia ao mapa) do professor com aquela metodologia pedagógica utilizada em sala de aula.

E são inspiração, na busca pelas vivências “fora” da caixa, as aulas peripatéticas de Aristóteles, quando criou o Liceu, pois o filósofo lecionava caminhando por Atenas, e defendia o empirismo, experienciando e vivenciando a realidade social. Ou seja, conectando o “intra” e o “extra” mundo, oportunizando aos alunos vivenciarem o contexto real dos conteúdos abordados, tornando-os momentos diferentes e cheios de sensações, sentimentos e experiências diferentes que contribuirão para facilitar o processo do aprendizado. Mudar o local da aula para outros ambientes, ou a disposição das classes com frequência, proporcionam experiências diferentes que podem contribuir. Ou até mesmo quando é possível identificar uma falta de rendimento durante a aula, proporcionar a troca de ambiente, como uma visita a biblioteca ou uma aula embaixo de uma árvore, com um pequeno quadro, ou, quem sabe, uma “caça” por tributos, já proporcionam uma dinâmica diferente e que oportunizará vivências “fora” da caixa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Assim, a partir das contribuições de Paulo Freire, e em especial a de que “educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante”, procurou-se explorar os aspectos que relacionam a





# XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

## V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

### CIÊNCIA, DEMOCRACIA E DECOLONIALIDADE: CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

20 a 22/05/2024  
Unijuí, campus Ijuí



“educação” e o “sentir”, destacando a importância do “viver” a educação, tomando como referência as relações que envolvem: i) a emoção e o conhecimento; ii) a metáfora da “Rede”; iii); as metodologias ativas; e, iv) as aulas peripatéticas de Aristóteles.

Evidenciou-se, em especial, que o que possibilita que esses “nós” não se desfaçam ao longo do tempo, é impregnar de sentido a prática docente, conectando o “extra” mundo com o “intra” sala de aula. Um fazer colaborativo, estreitando a distância e aproximando para que essas vivências possam contribuir nesse navegar pelas experiências e práticas que se relacionam na “educação” e no “sentir”, na perspectiva do “viver” as experiências e práticas da educação. A investigação revelou que estas vivências devem se debruçar no “sentir”, dentro do contexto de viver, conviver e relacionar-se, conectando-os entre as duas realidades “intra” e “extra” sala.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Lacunas**. In: *Mínima moralía*. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. 1. ed. São Paulo: Ática, 1992, p. 69-70.

BORGES, Jorge Luis. **Sobre o rigor na ciência**. In J. Borges, *História universal da infância* (J. Bento, Trad., p. 117). Lisboa, PT: Assírio & Alvim, 1982.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MACHADO, Nilson José. **Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CASASSUS, Juan. **La gestión: en busca del sujeto** – in: *Seminário Internacional Reformas de la Gestión de los Sistemas Educativos en la Década de los Noventa*, UNESCO, Chile, 1999. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001176/117612so.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2022.

CASASSUS, Juan. **O clima emocional é essencial para haver aprendizagem**. *Nova Escola*, São Paulo, n. 218, dez. 2008. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/878/juan-casassuso-clima-emocional-e-essencial-para-haveraprendizagem>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

QUIN, Daniel. **Associações longitudinais e contextuais entre as relações professor-aluno e o envolvimento do aluno: uma revisão sistemática**. *Revisão de Pesquisa Educacional*, 87 (2), 345-387. Disponível em: <<https://doi.org/10.3102/0034654316669434>>. Acesso em: 14 set. 2022.